

***WOMEN ENCOUNTER TECHNOLOGY:
CHANGING PATTERNS OF EMPLOYMENT IN THE THIRD WORLD****

ANNE CAROLINE POSTHUMA**

Como analisar a relação de gênero e as novas tecnologias? A questão tem sido abordada de três formas diferentes por pesquisadoras feministas: (1) Para certas autoras, existe uma relação antagônica, na medida em que o poder masculino dominante nas esferas econômica, política e social acaba influenciando a natureza do contato e o acesso que as mulheres têm com o conhecimento científico e o uso tecnológico. Neste caso, há um processo de construção social de certas “habilidades femininas” que levam a uma relação de subordinação, incapacidade ou passividade frente à mudança tecnológica; (2) Outras autoras argumentam que as mulheres têm necessidades e prezam valores diferentes daqueles dos homens e, portanto, tratam da utilização e da inovação tecnológica de uma forma distinta da dos homens. O resultado desta linha de raciocínio é de buscar a formulação de tecnologias mais favoráveis às necessidades das mulheres, tanto para o ambiente de trabalho como para o doméstico; (3) A posição das ecofeministas rejeita a sociedade moderna, buscando uma sociedade onde a tecnologia é abordada pela perspectiva das necessidades da subsistência, onde as pessoas se inter-relacionam com igualdade e em harmonia com a natureza, e

* MITTER, Swasti e ROWBOTHAM, Sheila. (eds.) London, Routledge, 1995.

** Organização Internacional do Trabalho, Chile

onde as necessidades tecnológicas estão definidas conforme a comunidade local e não pelas instituições do capitalismo global.

O livro organizado por Mitter e Rowbotham apresenta uma contribuição muito importante e atual a esta questão da relação das mulheres com a inovação científica e tecnológica. Sobretudo esta é uma coletânea riquíssima em estudos de países recém-industrializados e em estado de desenvolvimento econômico. O livro responde a uma lacuna grande na literatura, onde predomina a análise de gênero e tecnologia baseada na experiência de mulheres dos países industrializados. Além desta contribuição empírica, o livro ajuda a avançar a análise da questão em dois aspectos principais: (1) É necessário considerar a heterogeneidade nas situações e das necessidades das mulheres frente à mudança tecnológica. Assim, se torna difícil tanto determinar uma única visão das mulheres frente à ciência e tecnologia, quanto buscar uma tecnologia feminista; (2) Existe uma configuração de fatores que influenciam o acesso das mulheres à tecnologia e a treinamento para usar a tecnologia que é mais ampla do que simplesmente o gênero. Assim, a questão de gênero pode ser somente um dos fatores que determinam a posição das mulheres no mundo do trabalho e o impacto da tecnologia de informática em suas vidas. Outros fatores, como etnicidade, religião, idade e classe podem ter igual influência, ou serem até mais importantes, do que gênero.

O fato de juntar trabalhos numa coletânea que analisa as experiências diversas de mulheres em países, culturas e setores diferentes, permite às coordenadoras “questionar a validade de qualquer visão única e especificamente feminina de ciência e tecnologia”.¹ Uma das grandes contribuições desta coletânea é de permitir um reexame da questão da construção social da ciência e da tecnologia, acrescentando um olhar feminista e pós-moderno, que não adota uma visão universalista de análise do

¹ Op.cit., p.3.

progresso tecnológico, mas que aceita a pluralidade de sistemas de cultura e conhecimento. Tal pluralidade inclui localização (geográfica e social) e conteúdo.

Ao invés de avançar a idéia de uma diferença essencial entre as mulheres e os homens, as autoras argumentam que é mais útil adotar uma perspectiva histórica, que nos permite avaliar as condições materiais que facilitaram a entrada e a saída das mulheres da invenção, aplicação e gestão da tecnologia. Mitter e Rowbotham criticam as noções “simplistas” de que existe uma resposta feminina frente à tecnologia e que esta resposta não se altera através do tempo.

As autoras nesta coletânea apresentam experiências de vários países que iluminam diversos aspectos da relação entre as mulheres e as novas tecnologias. Estudos tratam de casos do Canada, Brasil, Argentina, Índia, África Sub-Saara, Leste Europeu, Malásia e Tanzânia. Os setores estudados incluem confecções, têxtil, informática, bancos e telecomunicações. As perspectivas enfocam aspectos específicos da vida no trabalho e da vida doméstica e também questões políticas, de relações com processos de globalização e da política feminista mais ampla.

O livro de Mitter e Rowbotham representa uma contribuição importante para a análise de gênero e inovação tecnológica no Brasil, na medida em que acrescenta uma diversidade mais ampla de casos fora da experiência dos países industrializados. Além disso, o livro contribui para complicar o debate, na medida em que admite que o impacto da inovação tecnológica sobre as mulheres não é uniformemente negativo, e que existem áreas em que a tecnologia está abrindo oportunidades. Finalmente, as autoras ajudam a abrir o foco de investigação, incluindo outros elementos de análise ou de exclusão, além de gênero, tais como raça e etnicidade.